



Director literario:  
*Arquitecto*  
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

**O SECULO**

Director artistico:  
*duarcolle*  
PAPUSSE

**UM VERBO MAL CONJUGADO**



Pelo Norte de longada,  
Beltrão de Santa Maria  
Entra numa hospedaria  
Que lhe foi recomendada.



Alta noite uma invasão  
De pulgas e percevejos  
Enche-o de loucos desejos  
De empunhar um pistolão.



Mas, farto da bicharia  
Fulo, de punhos erguidos,  
Já Beltrão berra aos ouvidos  
Do dono da hospedaria:



—«Como aqui só pulgas vejo,  
Não lhe pago... percebeu?!...»  
Volve-lhe o outro, então: —«eu  
Não percebo; percevejo!»

# DEDICAÇÃO PREMIADA

POR FRANCISCO LEON CASTRO

DESENHOS DE EDUARDO MALTA



Oi com grande alegria que Clara, Luísa e Maria ouviram o convite de seu pai para irem esperar o tio Alberto que regressava agora do Brazil.

Emquanto as três irmãs se preparavam para irem com seu pai esperar o tio, mais do que o passeio ao cais, vinha-lhes á idéia ás riquezas que o tio não traria desse país que elas ouviam dizer ficar muito longe e ser muito rico.

—Eu—dizia Maria—muito gostava que ele me trouxesse uma boneca muito grande e muito bonita que abrisse e fchasse os olhos e dissesse; papá... mamã...

—Eu antes queria que êle me desse um automovel com corda, para ir numa grande correria pelo corredor—disse Clara.

—Eu—disse por sua vez Luíza, a mais nova—gostava que ele me desse um realejo que tocasse musicas muito bonitas e...

Mas não terminou porque o pai abriu a porta para lhes perguntar se estavam prontas, pois já eram horas de partir.

Passado algum tempo já as três meninas estavam no cais. Neste via-se bastante gente aglomerada esperando pessoas amigas ou de familia que também chagariam naquele barco.

—Que grande que deve ser o barco, exclamou Clara.

—Deve fazer muito barulho com as máquinas e deitar muito fumo—proferiu Maria.

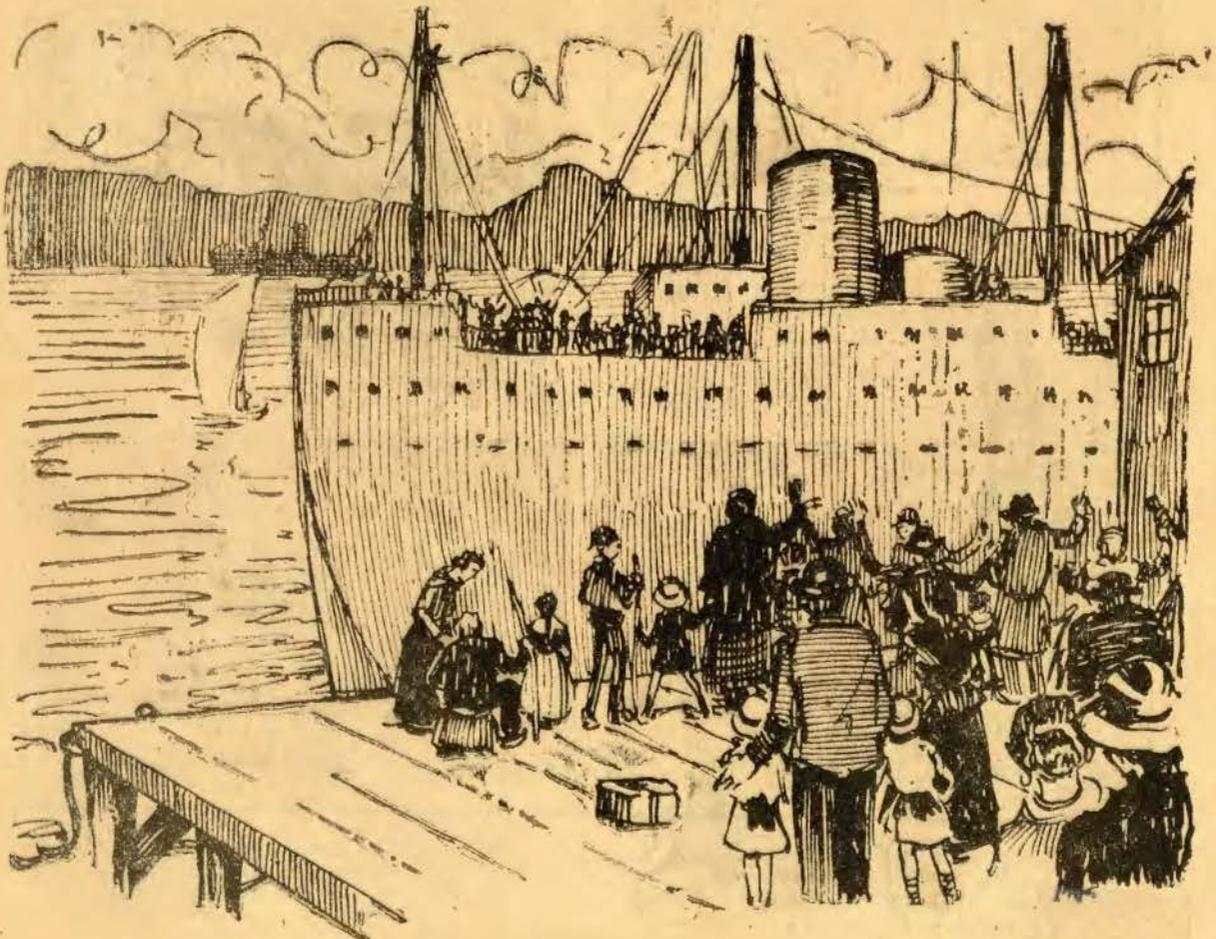
—A primeira a dar um beijinho no tio hei-de ser eu—disse, por sua vez, Luíza.

Emquanto esperavam, Clara, Luíza e Maria entretinham-se a ver passar os barcos de véla ou a seguir com o olhar o vôo das gaviotas sôbre as ondas.

Não tardou, porém, que ao longe, no horizonte, apparecesse um ponto negro que á maneira que avançava ia aumentando tornando-se mais percebido. Era o navio que chegava. Todos olharam ansiosamente para êle.

Em breve o navio tocava o cais. Era muito grande e tinha o casco branco e com uma faixa encarnada.

Ouviu-se um silvo e deixou-se de ouvir o barulho que a helice fazia na água.



A escada de bordo foi arreada e os passageiros começaram descendo.

No cais davam-se abraços de boas vindas. As três irmãs estavam impacientes por ver que o tio nunca mais aparecia quando dentre os passageiros se ouviu uma voz chamando: Júlio!... Júlio!...

Este, que era o pai de Clara, Luiza e Maria, correu para o irmão, doido de contentamento por o tornar a ver.

Clara e suas irmãs também se abraçaram ao tio. Este contudo estava triste.

—Porque estás assim? perguntou-lhe o irmão.

—É que eu julgando que ia buscar a fortuna apenas encontrei a desgraça, voltando a Portugal tão pobre como fui.

Clara e suas irmãs, que não tinham tomado atenção ao que seu tio acabara de dizer, perguntaram todas a um momento:

—Trouxe alguma coisa para nós?

—Alberto abanou tristemente a cabeça.

Suas sobrinhas também ficaram tristes, a excepção de Luiza que disse:

—Não podes ser desta vez é para a outra. E pegando no braço de seu tio puxou-o a caminho de casa.

Desde a sua chegada do Brazil, o tio Alberto ia quasi todos os dias a casa de suas sobrinhas.

Clara e Maria recebiam-no sempre com frieza e olhavam-no com desdém por andarem sempre com os seus vestidos muito limpos e engomados, ao passo que seu tio, que elas julgavam trazer grande fortuna, andava mal vestido com as botas rötas, colarinho sujo e o chapéu velho e cheio de nodos.

Só Luiza é que tinha pena de seu tio e acariciando-o sentava-se-lhe no colo, dizendo-lhe:

—Deixe esta? tio, quando eu tiver mais idade hei-de ir trabalhar e compro-lhe umas botas e um chapéu e engomo-lhe o fato. Depois já o tio anda muito chic.

O tio Alberto admirava sua sobrinha por ser tão pequena e ter este modo de pensar.

Uma ocasião, estando as três irmãs juntas, o tio Al-

berto, para as experimentar, perguntou-lhes qual delas gostava mais dele.

—A que gostar mais de mim—disse ele— é a que puzer primeiro o dedo no ar.

Mal tinha terminado de dizer isto já Luiza tinha erguido a sua mão. Suas irmãs nem sequer se mexeram. O tio Alberto compreendeu então o motivo por que Clara e Maria nunca se aproximavam dele e poucas vezes lhe falavam.

Um dia, contra o costume, o tio Alberto com grande surpresa das sobrinhas apareceu muito bem posto com um chapéu de feltro cinzento, um fato azul e uns sapatos de polimento.

Trazia um grande embrulho debaixo do braço e, depois de ter beijado as sobrinhas, voltou-se para Luiza e oferecendo-lhe o embrulho, disse-lhe:

—Luiza, isto é para ti. E' a recompensa do carinho com que me tens sempre tratado. Sê sempre assim boa e serás feliz.

Os olhos de Luiza rejubilaram de alegria. Correu para o seu tio e abraçando-se-lhe ao pescoço, disse-lhe:

—O quê, isto tudo para mim? Como o tio é bom!

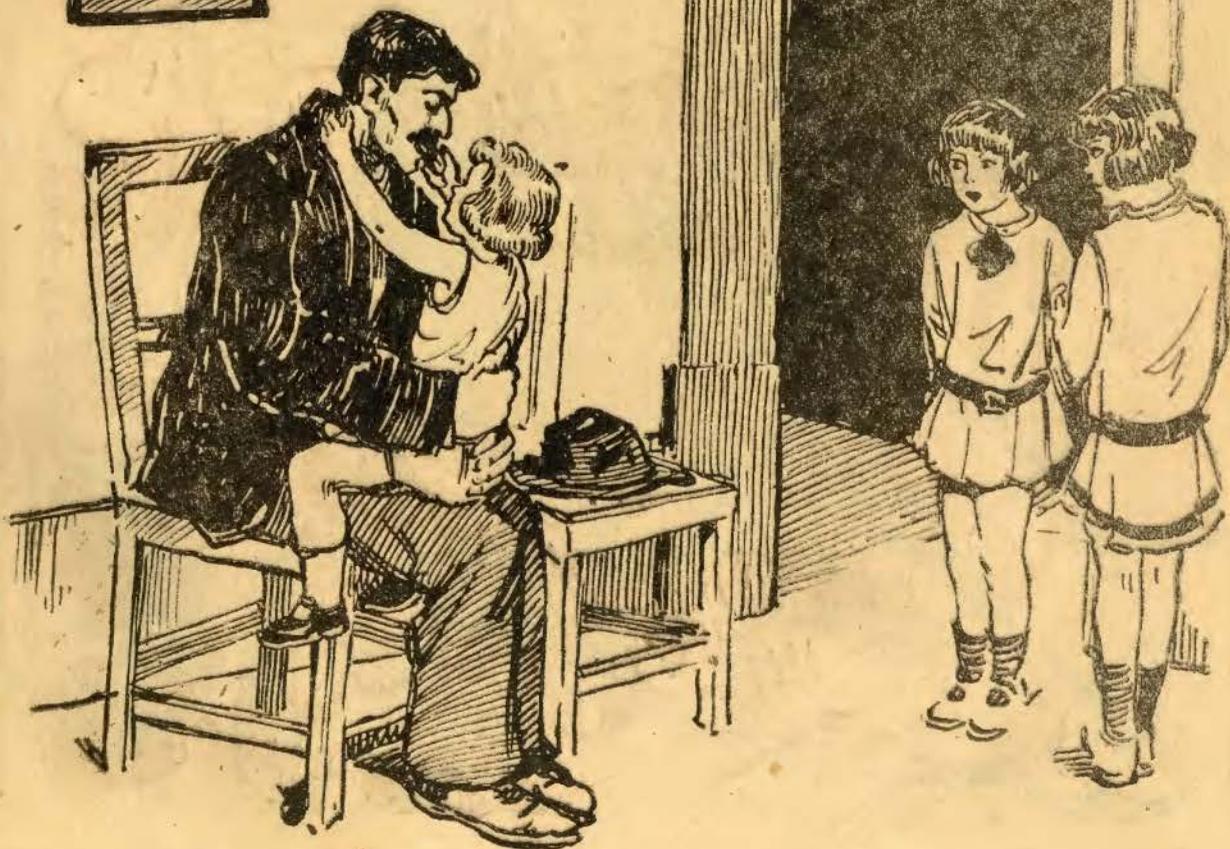
Depois, Luiza, perante o olhar curioso e triste das irmãs, desatou o embrulho e começou a desembulha-lo.

A primeira coisa que viu foi uma linda boneca que abria e fechava os olhos e tinha o cabelo encaracolado e loiro; depois, um automovel com corda, um livro com muitas estampas e, por fim, o que ela tanto ambicionava: um lindo realejo.

Luiza quasi que chorava de alegria. Suas irmãs estavam muito tristes. Mas era de inveja, ou — quem sabe? — de arrependimento por terem olhado o tio com desdém quando ele andava mal vestido.

O tio Alberto e os pais de Luiza ficaram muito contentes com esta, ralharam muito com Clara e Maria que, envergonhadas do seu mau procedimento, escondiam o rosto com as mãos.

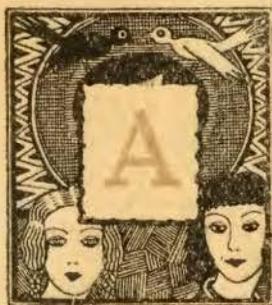
Mal sabiam elas que o tio Alberto tinha vindo muito rico do Brasil e que se fingira pobre, para experimentar os dotes de coração das suas sobrinhas.





## O COFRE MISTERIOSO

Por PEDRO DE MENEZES — Desenhos de EDUARDO MALTA



**NOITECIA.** Ao voltar da curva da estrada de uma aldeia longínqua, apareceu, cavalgando um fogoso corcel, um cavaleiro todo de negro, de ampla capa da mesma cor, por baixo da qual se via, pendente dum ciuto de coiro, uma espada de punhos reluzentes e uma pequena adaga. O cavalo era negro também. A barba em bico e o bigode do desconhecido tinham ainda a mesma cor. Os seus olhos brilhavam dum modo es-

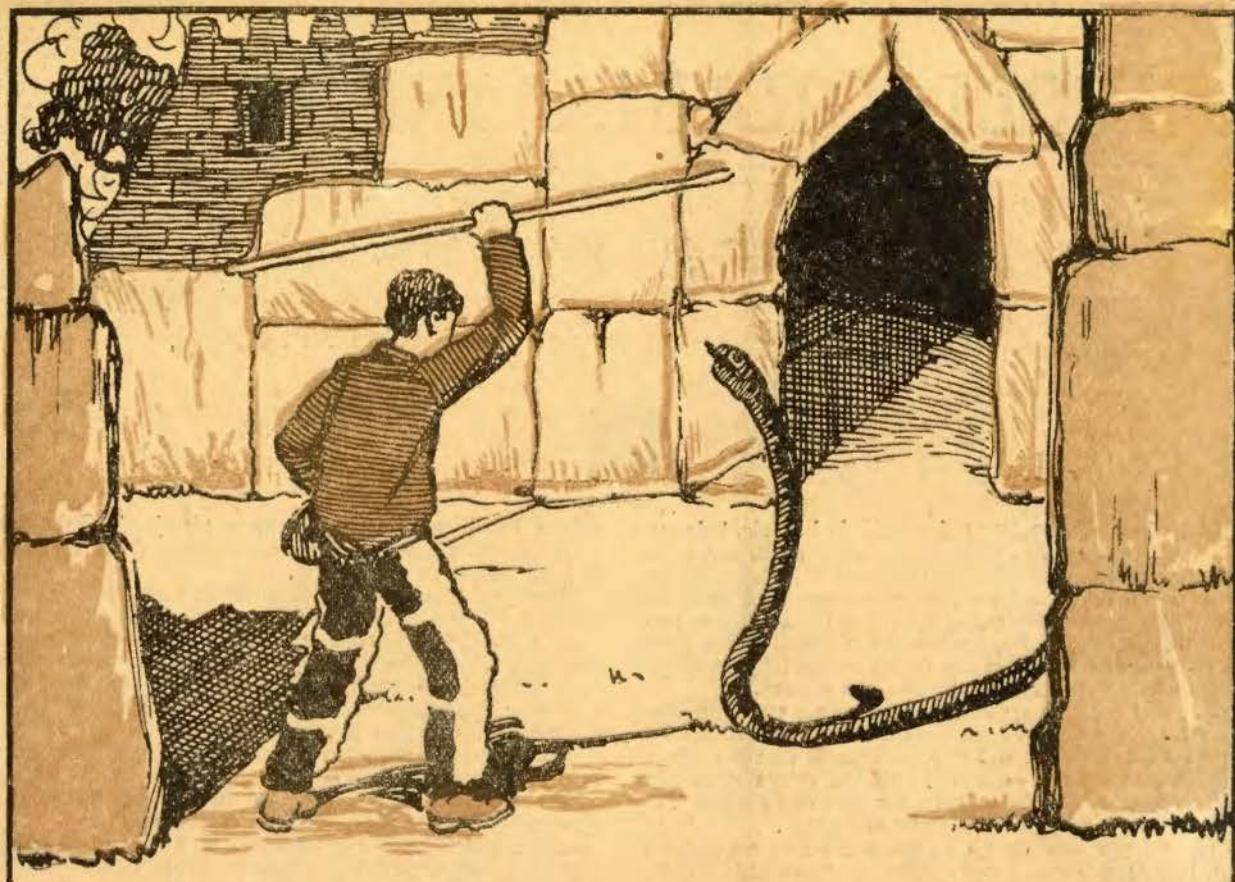
tranho. Naquela aldeia existia um pastor, novo ainda, decidido e valente como poucos.

Namorava uma gentil aldeã, de longos e lindos cabelos de ouro, de olhos verdes e expressivos.

Era costureira. Residia numa casa visinha daquela em que morava o pastor. Os dois tinham jurado amor eterno e tinham prometido casar-se, custasse o que custasse, apesar da tenaz oposição da família dela.

Diziam que, às vezes, nas noites mais escuras, um desconhecido rondava as imediações da casa da enamorada costureira, e que esse desconhecido parecia também ser um pretendente da descuidada donzela. Ela, porém, outro amor não sentia que não fosse pelo valente e destemido pastor. Dizia-se também que uma vez, o cavaleiro lhe chegara a fa-





lar e que ela nem sequer o olhara. Alguém que a acompanhava, ouviu o desconhecido dizer:

—Não queres ver-me? Um dia virá em que não verás também aquêlo que estimas.

Ela estremeceu supondo um perigo para o noivo. Avisara-o para que se prevenisse, mas êle rira-se e declarara-lhe que o não assustava semelhante ameaça.

Na tarde em que principia êste conto, o referido pastor passava na estrada, a caminhar de casa, cantarolando, quando o desconhecido cavaleiro, parando junto dêle, lhe perguntou onde ficava o castelo abandonado do Sol-posto, um velho castelo arruinado, que se erguia no cimo de um outeiro, cheio de lendas, rodeado de contos, que atemorizavam velhos e novos, e do qual apenas o pastor se aproximara uma unica vez.

Indicou-lhe a direcção admirado de aparecer alguém que não temia semelhante logar, e acrescentou:

—Admiro-me de que venha procurar um castelo, que todos dizem trazer desgraça.

—Nem sempre para quem o procura, e, às vezes, para quem o indica.

E, dizendo isto, e deixando o pastor intrigado com a resposta, partiu, a galope, em direcção do castelo arruinado. O pastor esperou algum tempo, olhando o caminho que o desconhecido seguira. Dentro em pouco, regressava o mesmo cavaleiro, sorridente, com um pequeno cofre de ferro debaixo do braço.

—Obrigado, pastor—lhe disse—o mal já está feito.

E, novamente, desapareceu na curva da estrada donde tinha surgido. A noite veio. A aldeia adormeceu, e, na manhã seguinte, vinha já êle de conduzir os rebanhos de seu amo, quando ouviu altos choros em casa de sua noiva. Entrou, para saber o que sucedera, e, a mãe, uma velhota de respeitáveis cabelos brancos, comunicou-lhe que, sem saber como, a filha apparecera de manhã ceguinha, parecendo que lhe tinham roubado de dentro das palpebras, enquanto dormia, os seus lindos olhos verdes. Como louco, precipitou-se para junto da sua amada, falou-lhe, ela respondeu-lhe entristecida, e, ao pensamento do pobre pastor vieram, naquele instante, não só as palavras enigmáticas do cavaleiro, que ao anoitecer o interrogára, mas também a ameaça do pretendente da costureirinda.

Assim se tinha cumprido o que o desconhecido lhe dissera. O pastor prometeu vingá-la. Curá-la-ia, se pudesse. Os medicos confessaram que nada poderiam fazer; que o mal era incuravel.

O pastor, passados dias, resolveu ir visitar o misterioso castelo que, só de o indicar, tanto sofrimento lhe tinha trazido.

Aproximou-se cuidadosamente, acercou-se da porta escancarada e quando ia a entrar, sentiu junto dos pés, qualquer coisa que se arrastava e que, ao fazê-lo, produzia um ruído singular. Olhou nessa direcção e viu uma enorme cobra que se lhe dirigia e que, quando estava a curta distancia, lhe disse:

—«A que vens, pastor? Que ousadia é essa que te leva a entrares num castelo onde há séculos ninguém entra? Quem te mandou e que destino pretendes depois seguir?» Como resposta, o arrojado pastor, que nunca largava o seu cajado, respondeu: —«Deixa-me passar. Nada tenho que te dizer». E levantou o cajado ameaçador. A cobra deu um prolongado assobio e disse apenas: —«Não serei eu que te impeça de fazeres o que pretendes. E's valente e eu admiro-te. Oxalá possas alcançar o que desejas, o que não será facil com ameaças». E o reptil desapareceu arrastando-se ruidosamente. O pastor ficou um momento pensando nas palavras da misteriosa cobra, reconhecendo que efectivamente, em vez de a ter ameaçado com o seu cajado, deveria ter respondido às suas perguntas, prometeu a si próprio não voltar a proceder assim e entrou resolutô no castelo.

Chegou a uma outra porta, aberta como a primeira, onde, empoleirada numa pedra mais saliente, uma ave singular que parecia dormir, sacudiu sonolentemente as asas e perguntou: —«E's tão valente, pastor, que nem sequer perguntas se te é dado poderes entrar, nem sequer dizes para onde te diriges? Que queres tu dêste castelo onde o silêncio raras vezes é interrompido por desconhecidos cujo poder vive nos feitiços que os rodeiam e nos talismans que possuem? Como é que tu sem uns nem outros, simples mortal que um breve golpe duma das minhas asas immediatamente mataria, te decidiste a penetrar o misterio de tantos séculos que envolve estas ruinas?» Levado por um impulso de ódio, pela ansia que tinha de alcançar o interior daquele castelo,

# BIBLIOGRAFIA INFANTIL

**S. João subiu ao trono, grande Auto ou Mistério**  
em seis jornadas por CARLOS AMARO com  
ilustrações de SARAH AFFONSO,



*S. João subiu ao trono*, é uma linda história, toda em verso, que um grande Poeta — (talvez sem saber que o era ou, pelo menos, esquecido de que possuía um rico talento criador) — o doutor Carlos Amaro, escreveu, em horas de inspiração, para entreter uma filha que, como todos os meninos inteligentes e imaginosos, adora as mil e uma peripécias que se desenrolam nos reinos da Fantasia, entre gigantes e anões, príncipes, bôbos, bruxas e fadas.

*S. João subiu ao trono* é a história dum príncipe inteligente e bom que, por conselho dum bôbo, seu verdadeiro amigo, resolve deixar o Paço, as intrigas da sua Corte, a própria princezinha orgulhosa que lhe estava destinada para esposa, a fim de ir aprender com os humildes e os bons, a ser um rei justiciero, virtuoso e nobre.

Levado por êsse desejo de premiar o Bem e castigar o Mal, transforma-se sem que ninguém o suspeite numa velha bruxa, uma bruxa horrenda, e aguarda, na gruta duma montanha, que um espírito valoroso o vá desencantar.

Ignorando o seu paradeiro e convencendo-se de que o seu noivo havia sido morto às mãos da própria bruxa que era o terror do povo, a princezinha promete a três fidalgos da corte, casar com aquele que a conseguir matar, coroando-o rei em seguida. Animados por tal promessa, partem logo os três quixotescos áulicos ao encontro da velha maldita que, mal aparece no tópo da montanha, os faz tremer como varas verdes e só de susto os mata.

Cabe, porém, a sorte de desencantar o príncipe, a uma pequenina pastora — Símbolo de Bondade — que apenas com a arma da sua inocência: — um beijo, consegue matar a Bruxa, salvando o príncipe, o qual deslumbrado pela sua coragem a conduz ao Paço onde a senta no trono, apeando

dêle a orgulhosa princesa, entre a alegria do Bôbo que jamais acreditara na sua morte e o despeito de toda a Corte que bem depressa o esquecerá.

Mas já a pastorinha, mal podendo suportar o peso da corôa e do manto, começa a sentir a nostalgia da vida natural e simples, em cujo ambiente florira a sua alminha inocente, quando, entre o pasmo de toda a Corte, surge um S. Joãozinho, seu irmão mais novo, pastorinho como ela, com seus lanzudos safões e seu florido báculo, num choro enternecido, em grita pela irmã que era o seu ai Jesus! Como ela, então, subitamente, renegue o trono e corra, de braços abertos, para o saudoso irmãozinho, o Príncipe inteligente e bom, abdica dos seus direitos em favor do pequenino — Imagem da Virtude — e coloca-o no trono.

De um admirável simbolismo que o espírito infantil, embora não apreenda, vagamente presente, esta linda história que uma vez lida se grava para sempre na alma da criança, para mais tarde, no decorrer dos anos, acordar subitamente na nebulosa da sua consciência e poder tirar dela, então, as conclusões dos seus ensinamentos, é um verdadeiro hino à Democracia, no que esta palavra encerra de puro e nobre e não no que ela, hoje em dia, significa para a maioria daqueles que à sua sombra se deitam na esperança vã de que seus frutos lhe vão cair na boca.

Toda repassada de uma moral absolutamente cristã, é, no fundo, um poema religioso que a todos os papás recomendamos e que Sarah Affonso ilustrou admiravelmente, com a virginal emoção duma grande inocência espiritual.

AUGUSTO DE SANTA-RITA

## Continuação do conto: — O COFRE MISTERIOSO

esquecido da promessa que a si proprio tinha feito, levantou para a monstruosa ave num gesto de ameaça o seu nodoso cajado e no mesmo instante num vôo pesado e que produzia um intenso ruído, ela se afastou pelo corredor por onde êle tinha entrado, dizendo: — «Não te impedirei a passagem, pastor. E's decidido e valente e oxalá consigas alcançar o que desejas, o que não será fácil com ameaças».

As mesmas palavras pouco mais ou menos que a cobra lhe tinha dito quando a ameaçara, as suficientes para o chamarem à realidade das coisas e para de novo prometer a si proprio mais calma para outro encontro semelhante que pudesse ainda ter. E passando aquela porta, apressou o passo por um estreito corredor. No fim dêsse corredor, outra porta. Junto dela, numa cadeira de ferro, uma velhinha que fiava numa roca de madeira. Ele não reparava na mulher com a pressa que levava, mas ela estendendo-lhe a

roca, disse-lhe numia voz quasi apagada pela muita idade que devia ter:

— «Mancebo, que pressa te conduz que nem sequer reparas em quem encontras no teu caminho? Deves ser valente e ousado, porque de contrário não te terias atrevido a visitar êste castelo que tantos perigos encerra e tão poucas pessoas dele se acercam».

O pastor disse-lhe então:

— «Um dever me leva a visitá-lo, boa velhinha, e nada me deterá, a não ser a morte, para alcançar o que pretendo».

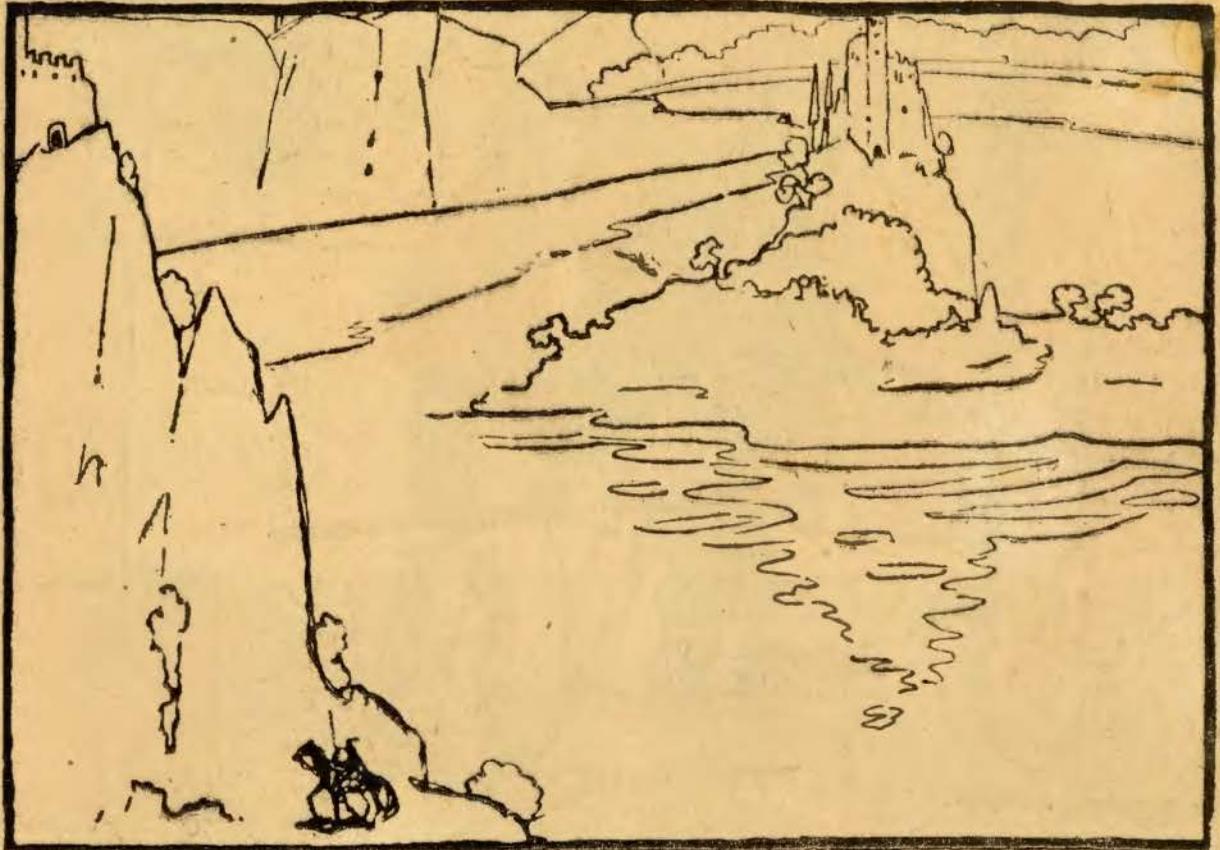
— «E que pretendes tu, pastor?»

— «Saber como fêz um infame cavaleiro que ontem aqui se dirigiu, para conseguir cegar aquella a quem quero mais do que à minha própria vida».

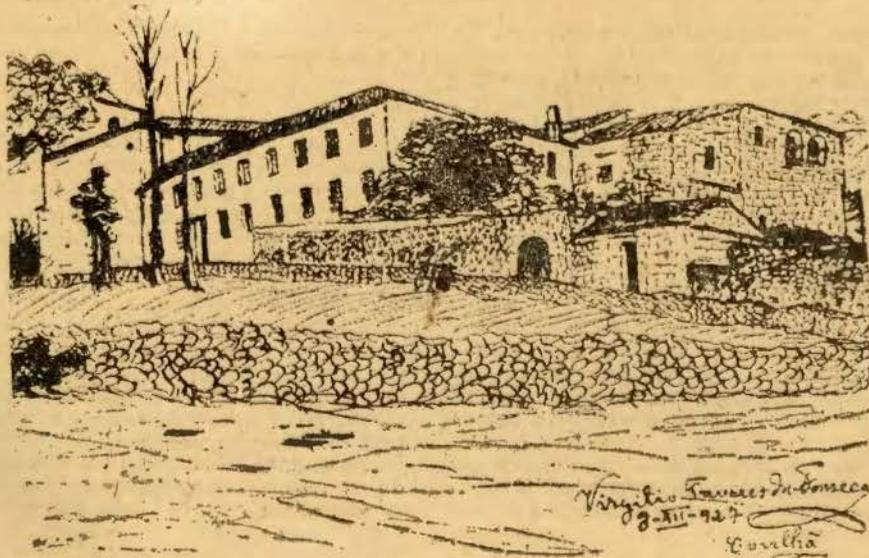
— «Acompanha-me» — disse a velhota, levantando-se a custo. O pastor seguiu-a. Atravessaram longos corredores, salas adormecidas, pátios onde ruínas e só ruínas encon-

(Continua na pagina 8).

# PARA OS MENINOS COLORIREM



## COLABORAÇÃO INFANTIL



Desenho do menino Virgilio Tavares da Fonseca, da Covilhã



### O COFRE MISTERIOSO

(Continuado da pág. 6)

travam, até que chegaram a uma porta que estava fechada.

A velha tirou do bolso da saia uma chave enferrujada e abriu devagarinho a porta. Dentro estava uma mesa e sobre ela uma pequena gaiola que encerrava uma ave que parecia dormir. Apontando-lha, a velha disse:

— «Vês esta avezita?»

— «Vejo».

— «E' aquela que, quando a tua noiva adormeceu, lhe roubou os lindos olhos para os entregar ao feiticeiro a quem tu falaste. Ele os levou num pequeno cofre de ferro que escondia debaixo dum braço».

O pastor quis dirigir-se à avezita furioso, para a matar. A velha deteve-o.

— «Quieto, desgraçado—lhe disse—que se a matasses, a tua amada ficaria eternamente cega».

O pastor aquietou-se. A velha continuou então:

— «Estas explicações apenas estava autorizada a dá-las a quem fôsse tão valente, tão decidido que, vencendo a força das lendas que rodeiam este castelo e os perigos que em volta e dentro dele se acumulam, chegasse até junto de mim. O feiticeiro que roubou os olhos da costureira a quem tanto queres, porque por ela se apaixonou, é o mesmo que há alguns séculos, enfeitçou e encerrou dentro duma misteriosa redoma, uma infanta muito bela que vivia aqui, de quem fui aia e que só um homem ousado como tu, poderá desenfeitçar. Vou soltar a ave. Ela sairá pelas grades daquela janela. Voará sem destino. No dia que conseguires encontrá-la, já a podes matar, porque então o feitiço da infanta acabará e os olhos da tua noiva voltarão a brilhar como outrora, no seu rosto».

A velha, ao concluir, soltou a ave que parecia estar a dormir.

— «E como hei-de conseguir matar esta maldita ave, boa mulher?»

— «Com o teu cajado. O mal está em a voltares a encontrar».

Foi buscar uma lanterna que estava fechada num armário do mesmo quarto em que se encontrava a gaiola e acrescentou:

— «Acende esta lanterna quando caminhares de noite e ela te auxiliará a procurar».

Tinham já passados anos depois do pastor abandonar a aldeia para conseguir alcançar a amaldiçoada ave. Tinha corrido todos os países, tinha passado em todos os caminhos. De dia andava pensando na sua noiva, de noite seguia guiado pela lanterna que a velha lhe tinha dado. Até que numa noite muito escura, viu a ave misteriosa pousada sobre uma pedra mais alta do caminho. Continuava a parecer que dormia. Levantando o cajado que nunca o abandonava, deu tão forte pancada na ave, que ela desapareceu imediatamente. Voltou à sua aldeia, no que levou bastantes meses pois se encontrava muito longe e, quando lá chegou, por todos foi abraçado. A sua noiva via como dantes, com os seus olhos lindos e verdes; o castelo em ruínas desaparecera e em seu lugar apareceu um esplêndido palácio onde uma encantadora infanta vivia com a velha aia. Casou o pastor com a costureira e a infanta, agradecida, encheu-os de riquezas. Dizem que a infanta, mais tarde, casou também com um cavaleiro que, por acaso, acompanhado de vários amigos, passava por ali para uma caçada aos javalis. O feiticeiro apareceu morto no cimo dum monte muito alto, tendo ainda na mão, o cofre de ferro aberto.

■ F I M ■